

# TRABALHO COMO SINÔNIMO DE LAZER E PRAZER: TRAVESTIS DE CINEMAS PORNOGRÁFICOS EM AÇÃO

## LABOUR AS SYNONYM OF LEISURE AND PLEASURE: TRAVESTIS FROM PORNO CINEMAS IN ACTION

JORGE ANTÔNIO FERREIRA CORREIA<sup>1</sup>

Recebido em: 07/12/2009

Aprovado em: 05/05/2010

### RESUMO

Por intermédio de categorias nativas identificadas em uma pesquisa etnográfica, realizada em dois cinemas pornográficos, localizados nos subúrbios do Rio de Janeiro, este artigo trará à baila uma nova concepção de emprego que se distancia da ideia amplamente difundida e valorizada de mercado formal de trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho; Travestis; Cinemas pornográficos.

### ABSTRACT

*Through the native categories identified in a ethnographic research carried out in two porno cinemas, located on Rio de Janeiro's suburbs, this article will bring on a new conception of employment that is different from the general and prestigious idea of the formal labour market.*

**Keywords:** Labour; Travestis; Porno cinemas.

Em março de 2004, no âmbito de sua política interna de diversidade, a IBM do Brasil lançou o Programa *Domestic Partners*. Trata-se, na verdade, de um conjunto de medidas voltadas para o recrutamento e a seleção dos chamados “excluídos” do mercado formal de trabalho, assim como para a formação de um ambiente profissional diversificado e coeso, no qual as mais distintas realidades existentes possam integrar-se e exercer suas funções conjuntamente, visando ao alcance de um objetivo único para toda a empresa. Para tanto, a companhia administra um conselho regulador e quatro subgrupos de diversidade, concernentes ao mencionado programa. São os subgrupos das minorias, que englobam as mulheres, os negros, os deficientes físicos e os LGBT’s (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

Os comitês internos, por sua vez, atuam na garantia da igualdade de oportunidades. Exclusivamente no tocante às sexualidades, são debatidos meios de o funcionário ou a funcionária homossexual assumir a sua orientação sexual e, concomitantemente, as relações de preconceito que, porventura, possam ocorrer em um ambiente organizacional masculinamente estruturado.

Com o objetivo de enfatizar ainda mais a questão da igualdade, a empresa passou a oferecer um conjunto de benefícios – até então, restrito aos funcionários heteros-

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia), formado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sexuais – como os planos de saúde médico e odontológico, abono a dependentes de funcionário falecido e seguro de acidentes em viagem a serviço, entre tantos outros, aos parceiros e às parceiras de seus empregados e de suas empregadas homossexuais.

Em uma das treze entrevistas concedidas, entre os anos de 2004 e 2005, a coordenadora do *Human Resources Diversity* da IBM do Brasil, Fabiana Melfi, afirmou, de uma extremidade, que havia uma plena aceitação do Programa *Domestic Partners*, tanto pelos empregados homossexuais, quanto pelos heterossexuais; e, de outra extremidade, avigorou que, por uma questão ética, as adesões eram realizadas “sem muito alarde”, no bojo do que denominava como uma “política interna de sigilo”.

A coordenadora ainda elucidou que, com a implantação do programa em questão, as relações de trabalho, na empresa, tornaram-se mais harmoniosas e que os preconceitos, anteriormente externados com maior veemência, agora eram bem menos frequentes.

Todavia, se há, de fato, o êxito do mencionado programa, qual seria a relevância de uma “política interna de sigilo”, que privilegiaria justamente os funcionários que tivessem aderido ao destacado conjunto de benefícios e que, simultaneamente, temessem sofrer toda e qualquer forma de assédio moral?

A “política interna de sigilo” entraria em vigor a partir do instante em que um funcionário homossexual, ao desejar incluir o seu parceiro como dependente dos benefícios oferecidos, solicitasse formalmente ao departamento de recursos humanos, a não divulgação de seu nome como um dos contemplados pelo Programa *Domestic Partners*.

Ora, sob este aspecto, em particular, podemos admitir *a priori* que os esforços organizacionais rumo à igualdade de oportunidades esbarram na real desigualdade de condições entre um empregado heterossexual e um empregado homossexual no simples ato de tornar nítida a própria sexualidade, pois, ao contrário do que foi assevera-

do por Fabiana Melfi, as demonstrações de preconceito parecem não ter sido minimizadas com tamanha intensidade.

No que tange especificamente às travestis, não há distinções claras entre este grupo e o das transexuais. Na companhia, a letra “T” do subgrupo LGBT significa simplesmente “transgêneros”, o que, a princípio, parece não refletir a realidade dos guetos onde atuam separadamente os dois grupos.

Quando indagada a respeito da ausência de travestis ou de transexuais no quadro funcional da firma, Fabiana Melfi alegou a predominância de uma “desqualificação profissional” entre os membros destes grupos, tornando inviáveis as contratações. Entretanto, a organização ainda estaria “empenhada na composição de um cenário interno heterogêneo”.

Paralelamente, no decurso dos anos de 2004, 2005 e 2006, participei de uma pesquisa de campo no Cine-Regência e no Cine-Astor, dois cinemas pornográficos localizados, respectivamente, nos bairros de Cascadura e de Madureira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Permaneci nestes locais, nos horários vespertinos e noturnos, durante todos os dias da semana, com exceção daqueles que, por motivos pessoais, fiquei impossibilitado de comparecer.

Notei que havia uma hierarquia bem rígida que privilegiava as travestis com mais tempo de atuação naqueles ambientes. No Cine-Regência, tive que pedir permissão a Xuxa, uma travesti com os cabelos tingidos de louro, naturalmente longos, seios siliconados e lentes de contato azuis. No Cine-Astor, necessitei conversar com Andrezza, uma morena medindo aproximadamente dois metros de altura. Tendo a aprovação das duas, instantaneamente, começaram as minhas entrevistas.

Xuxa era moradora da Baixada Fluminense, prostituía-se diariamente naquela área de “pegação” e fazia *show cover* da cantora norte-americana Madonna em uma boate *gay* da Zona Oeste, nos finais de semana. Tinha 38 anos de idade – em 2004 – e revelou ter concluído apenas a 6ª série

do ensino fundamental. “Nunca gostei de estudar. Meu lance mesmo era dar”, admitiu em tom de brincadeira.

Andrezza era moradora do Méier, prostituía-se no Cine-Astor e possuía um atelier de costura em sua residência. Tinha 42 anos de idade – em 2004 – e asseverou com orgulho ter iniciado o curso de graduação em Comunicação Social, naquele mesmo ano.

No instante em que destaquei para Andrezza os benefícios ofertados pelo Programa *Domestic Partners* da IBM do Brasil, a resposta brotou inopinadamente:

*Meu anjo, você acha que eu vou largar esta maravilha aqui para ir para um lugar, onde eu sei que todo mundo vai me sacanear? Aqui eu sou rainha, aqui eu sou uma deusa, como dizia aquela cantora Rosana dos anos 80. O bom da coisa é misturar prazer com negócio, é fazer o que gosta, bem escondidinha no escurinho e ganhar dinheiro com isso, mesmo que seja uma merda de dinheiro. Lá, na empresa, eu ia ter que me submeter a piadinhas e não ia poder mandar ninguém tomar no olho do cu.*

Trata-se de uma afirmação que enfatiza o pensamento de Alexandre Fleming Câmara Vale (2000), no tocante ao valor da escuridão das salas de cinemas pornográficos, propiciando um terreno fértil para as ações categorizadas como desviantes. A penumbra funcionaria como um mecanismo de transformação do que é socialmente estigmatizado em algo prestigioso.

Se, por um lado, Michel Misse (2005) transita pela conexão entre o papel sexual ativo do pênis e os verbos “comer”, “vencer” e “fazer” como indicadores de prestígio – na mesma proporção em que vincula o papel sexual passivo do ânus e da vagina aos verbos “dar”, “perder” e “deixar” como indicadores de estigma –; por outro lado, é possível observar, na obscuridade dos cinemas pornográficos, certo prestígio da passividade sexual das travestis. Segundo as palavras de Andrezza, “aqui é difícil entrar

‘bofe<sup>2</sup> bem’ para comer a gente. Normalmente entra muita ‘cacura<sup>3</sup> passiva. Mas, quando entra, é uma felicidade só. As ‘travas<sup>4</sup> ficam todas loucas. É como um prêmio, um Oscar. Dar para um ‘bofe’ de verdade é tudo de bom”.

A hierarquia existente entre as travestis – no que tange ao respeito a um conjunto de regras bem definidas, cuja origem é desconhecida – privilegia, conforme destacado em linhas anteriores, aquela que se prostitui no cinema há mais tempo. No entanto, prestigia igualmente a travesti que possui o maior número de atributos físicos femininos e, por conseguinte, a que atrai uma quantidade maior de “bofes”.

No Cine-Regência, eram perceptíveis alguns atritos entre Xuxa e uma jovem travesti chamada Pâmela. Esta, com apenas dezenove anos de idade, tinha o corpo naturalmente liso (sem pelos), traços faciais femininos e seios relativamente avantajados, resultado da ingestão de hormônios.

A naturalidade com que exercia a sua feminilidade atraía a atenção dos poucos clientes sexualmente ativos (os “bofes”) que frequentavam aquela sala de cinema e, ao mesmo tempo, a ira de outras travestis.

Sua permanência ali se mantinha somente pelo fato de ser sobrinha de Xuxa. Era filha de um protestante neopentecostal conservador (irmão de Xuxa) e havia sido expulsa de casa pelos próprios pais. Não tendo onde morar, procurou abrigo no apartamento da tia paterna.

Pâmela assumia, paulatinamente, uma vice-liderança no Cine-Regência, mesmo contrariando as demais travestis. Era bastante assediada pelos “clientes” e, por vezes, alguns destes adentravam no local unicamente como consequência de sua presença.

Após haver concluído o ensino médio técnico em Administração, em uma escola particular, situada na Zona Norte cari-

<sup>2</sup> Palavra empregada por travestis para designar homem com trejeitos viris e sexualmente ativo.

<sup>3</sup> Palavra empregada como sinônimo de homem idoso.

<sup>4</sup> Outra designação para travesti.

oca, Pâmela decidiu ingressar em um curso de cabeleireiro. Almejava ser proprietária de um salão de beleza. Contudo, afirmava jamais desistir da vida de prostituta no Cine-Regência:

*Isso aqui é um sonho. Tranzo muito aqui. Você não tem idéia. Tenho que aproveitar minha juventude, enquanto tenho esse corpinho que Deus me deu. Pego muita 'bicha passiva' com cara de 'bofe', mas também pego muito 'bofão', um arraso. Mas também não digo por aí que meu 'bofe' deu pra mim. Isso ia acabar comigo, com minha fama de poderosa. Fico na minha. Não sou boba, meu amor.*

Nos relatos de Pâmela, destaca-se uma realidade analisada por inúmeros autores. Peter Fry e Edward MacRae (1985) asseveram que, no jogo dos papéis sexuais, entre quatro paredes, uma travesti pode “comer” o seu cliente. Todavia, nas ruas, diante dos outros olhares, o cliente assumiria o prestígio de “comedor” e a travesti, o estigma de “comida”, de “possuída”.

Na penumbra dos cinemas pornográficos, a norma social parece se desconstruir e se potencializa aquilo que Georg Simmel (2001) definiria como “valor de raridade”, isto é, o acréscimo monetário que a relação sexual recebe em decorrência do número de performances que a prostituta – neste caso, a travesti – é capaz de realizar, conforme admitiu Pâmela em uma ocasião:

*Eu ganho mais grana do que as outras 'travas', primeiro porque sou a mais mulher de todas e segundo porque, quando eu tenho que 'comer' um 'bofe', o 'bofe' prefere porque machuca menos, sabe? Como é que eu vou dizer? Ele se sente melhor olhando pra trás e vendo uma mulher comendo ele. Quando ele olha pra trás e vê uma 'trava' com cara de homem comendo, é como se um homem estivesse comendo ele. Ele se sente mal. É uma coisa bem psicológica, sabe? Eu não sei explicar.*

Marcos Benedetti (2005) nos remete à compreensão acerca das travestis en-

quanto possuidoras de um gênero próprio, peculiar, pois cada uma delas, na verdade, almeja se sentir mulher e não ser mulher. Consequentemente, há toda uma transformação da realidade sendo inaugurada uma nova vertente no que diz respeito às categorias de gênero, pois o trânsito entre o ser sexualmente ativo e o ser sexualmente passivo fluiria com uma constância inimaginável, promovendo alternâncias corriqueiras, diferentemente do rigor presente nas práticas sexuais estabelecidas na amplitude da sociedade.

De fato, há uma padronização comportamental vinculada à masculinidade, a qual é perscrutada por Fátima Regina Cecchetto (2004), no que concerne à existência de uma masculinidade hegemônica – preponderantemente heterossexual, branca e abastada – que se sobrepõe hierarquicamente às masculinidades subordinadas – homossexual, negra e pobre.

No entanto, as inversões que se estabelecem entre o papel de quem “come” e o papel de quem “dá” se justificam, conforme é observado no relato acima, pelo motivo de a travesti “dar o close” – expressão identificada nas pesquisas de Vale (2000) como sinônima de “apresentar publicamente os atributos femininos” –, mesmo se tratando de uma “mulher de tromba”<sup>5</sup> (por possuir um pênis). O cliente, desta forma, poderia ser “comido” por alguém com aparência de mulher, sem que sua varonilidade fosse “posta em dúvida”, inclusive por ele próprio.

Indubitavelmente, isto remete ao pensamento de Pierre Bourdieu (2002), em particular quanto a uma arbitrária dominação masculina que se naturaliza, que se internaliza de maneira tênue no inconsciente de homens e de mulheres. Assim sendo, alguns clientes das travestis parecem criar mecanismos psíquicos de permanência na categoria de masculinidade hegemônica, embora tenham ocorrido “deslizes” na representação do papel de macho.

<sup>5</sup> Expressão empregada para designar travesti.

Refletindo o olhar social externo às salas de cinema, mesmo agindo na obscuridade, o cliente, ao atuar como sexualmente passivo, teria em mente a concepção de uma heterossexualidade consolidada como padrão universal de toda prática sexual classificada como normal. Portanto, o fato de “dar” para uma “mulher de tromba” amenizaria a sensação de ter ferido uma norma de conduta masculina.

Após minhas elucidações sobre o Programa *Domestic Partners* Pâmela afirmou:

Não troco isso aqui por nada, por emprego nenhum lá fora, meu amor. Eu vou trabalhar toda engomadinha pra ser ‘escrachada’ por uma porrada de mauricinho que, se tiver chance, vem aqui dar a bunda pra mim? Tem gente que adora meter porrada em ‘trava’, xingar ‘trava’, escrachar mesmo, sabe? Depois, no escurinho, quer ser dama porque tem muito cavalo que é égua, sabe? Gosto de ficar aqui porque aqui a gente sabe quem a pessoa é. Não tem como esconder. Não tem como fazer papel de santo, de mocinho de novela. Tem gente que vem aqui porque sabe que aqui tem ‘mulher de tromba’. E eu adoro isso aqui. Venho trabalhar com tesão, com o pau duro. Onde é que eu vou ter isso na empresa que você falou?

Índia, outra travesti do Cine-Regência, com dezoito anos de idade e a sexta série do ensino fundamental concluída, declarou:

*Trabalho assim em empresa grande é pra ‘boyzinho’<sup>6</sup>, sabe como é que é? Gayboy<sup>7</sup>, você sabe? O cara pode usar terno e gravata. Agora imagina eu com esse corpo de moça? Ia ser uma merda pra mim, não acha? Pra mim, lugar de ‘trava’ é na putaria. Trava foi feita pra trabalhar na putaria ou pra cortar cabelo porque todo mundo sabe que muita ‘trava’ corta cabelo. Não ia ter zoação.*

<sup>6</sup> Palavra utilizada pelas travestis para designar homossexual jovem com trejeitos varonis.

<sup>7</sup> Designação semelhante a boyzinho.

Salientam-se, desse modo, distinções entre a homossexualidade ostensiva e a homossexualidade dissimulada, categorias perquiridas por José Fábio Barbosa da Silva (2005). Em inúmeros aspectos, os cinemas pornográficos se exibem como locais que propiciam um distanciamento das travestis não apenas em relação a um conjunto de normas sociais, masculinamente estruturado, presente externamente, como também no que diz respeito a uma rejeição *gay* (em seu sentido mais abrangente), por seu estilo de vida. Há, portanto, um sentimento de menosprezo oriundo tanto da homossexualidade dissimulada quanto da heterossexualidade.

Assegura-se que a denominada homossexualidade dissimulada poderia, com maior facilidade, reunir atributos masculinos, ora trajando terno e gravata, ora dando um grave timbre à voz. Sob a ótica de Erving Goffman (2002), tais indivíduos teriam somente que evitar dissonâncias, deslizes que, porventura, comprometessem uma boa representação varonil.

Isto posto, o “*gayboy*” ou o homossexual que age e se veste de acordo com padrões heterossexuais de conduta teria uma receptividade e uma aceitabilidade maior em ambientes empresariais virilmente hierarquizados. Em contrapartida, o “refazer” dos corpos das travestis, conforme avulta Richard Parker (2002), sendo criada uma feminilidade, transformá-las no extremo máximo das subculturas *gays*, no ápice do estigma homossexual.

Nesse sentido, a anteriormente sublinhada “política interna de sigilo” do Programa *Domestic Partners* existir-se-ia como incompatível com a realidade das travestis, pelo simples fato de estas terem evidenciadas, em seus corpos, as marcas da homossexualidade.

Marcela era professora de História, concursada, vinculada à rede municipal de ensino. Lecionava pela manhã e, à tarde, frequentava o Cine-Astor como prostituta. Aos trinta e seis anos de idade, declarou ser portadora do vírus HIV, desde 1999. Demonstrava uma grande aversão pelos *gays* e

pelos bissexuais, considerando-os como os maiores propagadores da Aids (síndrome da deficiência imunológica adquirida):

*O espaço das ‘bichas’ é lá fora. Aqui dentro é lugar de ‘mona’<sup>8</sup> de tromba e de macho que vem para comer a gente. Aqui no Astor, se entrar alguma ‘bichinha’ querendo ‘tirar onda’, a gente expulsa. Tenho nojo de gente hipócrita. Acho que todo gay e todo ‘bi’ deveriam levar muita porrada para assumir a homossexualidade. Não acredito em bissexualidade. Para mim, o cara é uma coisa ou é outra. Se não tivesse tanta hipocrisia, a Aids não teria matado tanta gente legal que já conheci.*

Os discursos de Marcela parecem espelhar um sentimento particular das travestis daquela sala de cinema contrário à eventualidade de “dar” para alguém que “coma” e que não seja, de fato, totalmente viril. Prevalece, mais uma vez, a disputa entre as travestis na busca pelo prestígio de quem é possuída por um “bofe de verdade”.

*“Quando a ‘trava’ é contaminada pela ‘maldita’<sup>9</sup>, vem logo alguma puta com a piadinha de que você deu pra uma ‘bicha’. ‘Trava’ tem que ‘comer bicha’ e não ‘dar pra bicha’. ‘Dar pra bicha’ é sinal de fracasso, é sinal de que a ‘trava’ não consegue mais ‘pegar bofe’ nenhum. É falência. É fechar a porta da fábrica e ir pra casa, se aposentar”* – complementou Marcela.

Seus discursos também sintetizam aquela área de pegação enquanto um terreno ímpar de liberdade da supremacia das travestis e, ao mesmo tempo, a fixação de restrições para outros grupos provenientes de fora da penumbra. Ou seja, uma sólida estrutura hierárquica existente nos cinemas pornográficos impede que aqueles que ocupem (ou se esforcem para ocupar) um poder hegemônico no espaço urbano carioca,

em toda a sua amplitude, possam exercer a mesma supremacia naqueles guetos.

Portanto, há uma separação territorial entre as “autênticas” travestis – como se autodenominam por não disfarçarem a própria sexualidade – e as “bichas” ou os *gayboys* que conseguem dissimular seus prazeres, seus desejos ou todo um estilo de vida próprio, tentando atenuar os efeitos das manifestações homofóbicas.

São justamente estas relações sociais – consolidadas de acordo com o princípio androcêntrico de dominação e retratadas nas igrejas, nas famílias, nas escolas e nas organizações empresariais – que, indubitavelmente, compelem as travestis para a escuridão das salas de cinema.

*“Trabalhar numa empresa pra fazer papel de moço? Não. Lá iam me chamar de Marcela ou de Marcelo? Na minha identidade, consta o nome de batismo, Marcelo. Como iam me chamar lá dentro? Iam me respeitar, se eu fosse chefe? Iam me respeitar sabendo que sou soropositivo? Lá, ia rolar foda? Cara, eu quero é trabalho com foda. Lá não tem. Aqui tem”* – relatou Marcela.

Partindo de uma perspectiva da atividade sexual, enquanto uma atividade social, perscrutada por Juan José Meré Rouco (1999), torna-se concebível observar que as travestis se socializam em guetos, no intuito de não se deixarem dominar por padrões heterossexuais de comportamento.

Daí a plausibilidade para a rejeição das travestis pela presença da homossexualidade dissimulada e da bissexualidade nos cinemas pornográficos, onde atuam como prostitutas, bem como pela hipótese de serem contempladas por um programa de diversidade como o *Domestic Partners*, o que significaria, por um lado, a possibilidade de inserção no quadro funcional de uma grande companhia como a norte-americana IBM e, por outro lado, a possibilidade de serem constantemente repudiadas e observadas como “estranhas” em um ambiente de trabalho.

Nas salas de cinema, as travestis seriam “rainhas”, líderes, confeccionariam regras próprias, novas normas de conduta. A

<sup>8</sup> Palavra de origem africana, utilizada pelas travestis como uma referência à mulher.

<sup>9</sup> Outra designação para Aids.

hierarquia existente tanto no Cine-Regência, quanto no Cine-Astor, indicaria a sua gênese, provavelmente, na necessidade de as “travas” fazerem prevalecer uma hegemonia que se contrapusesse à supremacia masculina presente nas relações sociais do cotidiano.

Nesta mesma pesquisa de campo, além das travestis, também foram entrevistados alguns de seus clientes e, de acordo com os seus relatos, os cinemas pornográficos sintetizariam locais recônditos, distantes de toda uma visibilidade social, onde secretamente se encontrariam com parceiros do mesmo sexo para alguns momentos de prazer. No caso dos dois estabelecimentos em questão, o Cine-Regência e o Cine-Astor se envolveriam em aventuras homoeróticas com travestis, o que não seria viável em outro espaço público.

Assim como é enfatizada por James Green (2000), a discrição propiciada pela penumbra das salas de cinema para tais encontros, vinculada ao baixo preço dos ingressos, também facilitaria o acesso de operários, camelôs, transeuntes desempregados, entre tantos outros indivíduos menos abastados, tornando-as espaços democráticos para o homoerotismo.

Os guichês dos caixas, situados nas entradas dos dois cinemas pornográficos, funcionam como áreas limítrofes que separam a penumbra destes ambientes da visibilidade das relações sociais – pautada na supremacia viril. Desta forma, antes de pagarem os seus ingressos, os clientes, habitualmente, observam tudo e todos os demais indivíduos em derredor para se certificarem de que vizinhos, colegas de trabalho ou parentes não estejam por perto.

Em seguida, dirigem-se rapidamente para as salas de exibição, onde se sentem mais aliviados até o momento da saída, quando necessitam verificar novamente a inexistência de quaisquer conhecidos que possam denunciar os seus deslizes nas representações sociais do cotidiano, conforme percebemos no relato de um cliente de 63 anos de idade, aposentado e morador de Cascadura:

A patroa não sabe que eu estou aqui. Ela pensa que eu estou fazendo bico ou que eu estou na igreja. A gente é evangélico, mas sabe como é que é, ninguém é de ferro. A gente precisa extravasar, colocar pra fora muita coisa. A vida da gente é só exigência, só cobrança, só dívida. A gente precisa de lazer, de vez em quando [...] O problema é o medo que dá de algum conhecido ver a gente. Se for alguém da igreja, ferrou. Minha mulher vai ficar sabendo logo, logo.

Já no interior dos cinemas, submetem-se às normas de conduta, às regras de convivência estipuladas pelas travestis. Por exemplo, o cliente não deve, em hipótese alguma, forçá-las a manter relações sexuais, “passar cheque” (defecar no pênis da prostituta), deixar de pagar o valor da cópula – previamente acordado – ou transar com alguém que não seja travesti. Caso contrário, será expulso do estabelecimento e, com a anuência da gerência e dos demais funcionários, a partir de então, ficará definitivamente proibido de frequentar o local.

As inversões de papéis desempenhados pelos atores sociais na penumbra dos cinemas, portanto, não se dariam unicamente no que tange às relações sexuais, ou seja, à questão de as travestis serem, por vezes, sexualmente ativas e de seus clientes serem sexualmente passivos. Exibir-se-iam igualmente, de um modo mais amplo, como resultado de uma homossexualidade ostensiva desejar se sobrepor hierarquicamente a uma heterossexualidade hegemônica.

Há manifestações de comportamentos que se assemelham à violência do gozo, narrada nas análises de Néstor Perlongher (1987). Na mesma proporção em que é apontada a violência como combustível para a libido, tanto em relação ao “michê”<sup>10</sup>, quanto no que concerne ao seu cliente, havendo, nestes trâmites, os amantes do risco; nas relações sexuais entre a travesti e seus clientes, habitualmente ocorre o pleno gozo pela força bruta, no instante em que

<sup>10</sup> Palavra empregada como sinônimo de prostituto, de garoto de programa.

a prostituta “come”, atua como sexualmente ativa, desejando, assim, afirmar a sua supremacia naquele peculiar espaço geográfico.

“A gente começa batendo na bunda. Cliente gosta, ainda mais quando quer ser ‘mulher’ pra gente. Depois a gente engrossa, pega pesado mesmo, sabe? Primeiro, porque dá tesão, sabe? Depois, porque cliente gosta, gosta mesmo, chega a rebolar, faz voz fina. O cliente vira outra pessoa” – afirmou Xuxa.

A abrangência assumida pela palavra “violência”, nos dias atuais, dissociou-a de seu significado no contexto linguístico para conferir-lhe novos formatos, fazendo-a se ancorar em inúmeras vertentes de acepção. Qualquer atitude impetuosa, avassaladora poderia, simultaneamente, ser classificada como violenta.

Consolida-se, paulatinamente, a sua conexão com a desestabilização de uma ordem social ou com a coerção para a manutenção desta mesma ordem. Segundo Misse (2006), impera todo um caráter denunciador que sublinha uma ação e um agente, previamente definidos e socialmente vilipendiados.

Na obscuridade das salas de cinema, no entanto, legitima-se o uso da força – o domínio de um sobre o outro –, havendo a proeminência da anuência entre ambas as partes. Descaracteriza-se, neste caso, a criminalização da violência.

O emprego da força, desta maneira, permeia a questão da permissibilidade, da cumplicidade, da conciliabilidade entre a cópula propriamente dita e a inteira satisfação que esta possa proporcionar.

Indo mais além, neste específico contexto, a utilização do termo “violência” passa a ser questionável. Não se pode associar o uso da força contra o direito de outrem ou o uso da força de forma ilegítima à consensualidade estabelecida entre travestis e clientes, no tocante à primordialidade de se provocar a dor como um complemento da cópula.

Xuxa complementou dizendo:

*Porrada dá tesão pra gente e pro cliente. É por isso que a gente tem ‘pau’<sup>11</sup>. A gente não opera como a Roberta Close. A gente tem ‘pau’ pra subir, pra ficar duro, pra dar tesão pro cliente. A gente bate no cliente pro ‘pau’ da gente subir. O cliente pede pra apanhar. Se bem que, pras amigas, a gente sempre fala que ‘deu’ porque a gente se veste de mulher pra ser ‘comida’ e não pra ‘comer’. É uma coisa difícil pra cacete pra quem é de fora entender. [...] O ‘pau’ é tudo. Por isso que a gente fica puta quando o pessoal fala que a travesti e a transexual é tudo a mesma merda. Não é. Cada um com o seu cada um.*

Os aspectos da vida social das travestis nos cinemas pornográficos, acima abordados, parecem denotar reivindicações no sentido de se asseverar tais locais como de predominância unicamente delas. Não se tratam de desejos pessoais de ingressarem no mercado formal de trabalho ou de abandonarem definitivamente o ofício de prostituta.

Ao contrário do que é identificável nos estudos de Hélio Silva (2007), não há relatos de travestis, tanto no Cine-Regência, quanto no Cine-Astor, que assinalem o orgulho proveniente da conquista de um trabalho qualquer com vínculo empregatício.

Apesar de Marcela ser professora de História e Andrezza ser estudante de Comunicação Social, entre outros exemplos de travestis que tenham um alto grau de escolaridade, sobressai-se a predileção pelos cinemas pornográficos, seja como a principal fonte de sustento, seja como um complemento ao ganho mensal, justamente por representarem um amálgama entre lazer, prazer carnal e, obviamente, origem de recursos financeiros, a despeito de estes serem razoáveis ou insignificantes, em determinadas circunstâncias.

Descarta-se também, *a priori*, o argumento de Fabiana Melfi referente à ausência de mão de obra qualificada entre as travestis. Na mesma medida em que Hugo

<sup>11</sup> Designação popular para pênis, amplamente difundida.

Denizart (1997) apresenta, por meio de depoimentos, travestis com nível superior e que admitem, por exemplo, sentir satisfação em “comer” de forma forçosa seus clientes – em recantos escosos de específicas “áreas de pegação”, durante a madrugada –, transitando pela visibilidade do mercado formal do trabalho e, de modo tautócrono, por locais secretos e discretos do espaço público onde atuam como prostitutas; no Cine-Regência e no Cine-Astor, são notáveis casos de potenciais trabalhadoras que poderiam obter êxito na companhia IBM do Brasil, entretanto se mantêm irreduzíveis quanto à possibilidade de se submeterem a uma escala hierárquica empresarial masculina.

“Não faço Comunicação, querendo trabalhar como jornalista ou como publicitária. Faço pra ter status, sabe? Não tem tanto caso aí de madame, de socialite que não tem o que fazer na vida e vai estudar Filosofia, Psicologia, sei lá o que mais? Então, faço Comunicação pra mostrar pra muita gente que ‘trava’ também pensa, que ‘trava’ não é só depósito de esperma” – frisou Andrezza.

Daí a relevância de ser lançado um novo olhar sobre a construção da cidadania das travestis, a partir do reconhecimento das salas de cinemas pornográficos enquanto áreas geográficas para a prática de sua prostituição. Neste caso, não há uma relação direta com as lutas pela conscientização dos direitos civis, no cerne do que habitualmente é classificado como a “inclusão social dos excluídos”.

Em minúcias, distintamente do que é perquirido por William Siqueira Peres (2005), as travestis que atuam como prostitutas no Cine-Regência de Cascadura e no Cine-Astor de Madureira não almejam a visibilidade em uma ordem social externa à obscuridade das salas de exibição de filmes pornográficos. Desejam, em contrapartida, a consolidação da penumbra dos citados cinemas como *locus* para o exercício de um poder hegemônico peculiar, em oposição a uma esfera masculina de dominação.

O que se verifica é justamente uma espécie de clamor para que o que já se encontra à margem de uma organização social, virilmente hierarquizada, continue da maneira como está, sem que seja sobreposto por esta mesma ordem, conforme avigorou Xuxa:

*A gente aqui não faz piquete, não faz pas-scata, não manda carta pra governador ou qualquer outro filho da puta, mas a gente quer o direito da gente. O que a gente quer é que isso daqui não vai acabar como o Bruni-Méier. Eu trabalhava no Bruni-Méier. Lá virou igreja evangélica. Porra, eu não sou evangélica, não quero que meu lugar vira coisa de evangélico. A gente já não tem liberdade nenhuma pra fazer putaria e aí os cara pega o lugar da gente pra transformar em igreja evangélica. Aí, é sacanagem demais.*

As lutas dos movimentos sociais gays por espaços relevantes nos contextos jurídico, social, econômico e político parecem orbitar em derredor de toda uma esfera masculina. Bourdieu (2002) encara em tais mobilizações pela visibilidade social, uma espécie de retorno à invisibilidade, atada à submissão a uma norma hegemônica. Em outras palavras, as lutas visariam a uma posição dos homossexuais em um ambiente varonilmente dominado, refletindo esforços na tentativa de se promover a “visibilidade invisível do bom cidadão”, de modo a garantir-lhes direitos.

Por tal motivo, a despeito de o autor – ao indagar acerca de possíveis saídas para que as conquistas dos movimentos gay e lésbico não culminem em uma forma de “guetização” – sublinhar como significativa vantagem o fato de tais lutas agruparem membros dotados de um robusto capital cultural e crer na possibilidade de os homossexuais porem a serviço do universalismo, os proveitos inerentes ao particularismo; torna-se imprescindível, no caso das travestis que se prostituem no Cine-Regência e no Cine-Astor, ser notada a preservação do “gueto” como um meio de manutenção de

um particularismo que se opõe veementemente a um universalismo masculinizante.

Não se inquire, como faz Parker (2002), a respeito de construções de políticas de identidade que conduzam a uma política de solidariedade. Neste específico contexto, embora as travestis ponham em prática ações pautadas em mecanismos de defesa contra eventuais agressões cometidas no mundo externo aos cinemas, havendo uma tênue ponte entre a penumbra e a visibilidade social, ressalta-se a visão de Zygmunt Bauman (2005, p. 83) no que diz respeito à identidade enquanto algo que se assemelha a “um grito de guerra usado numa luta *defensiva*”.

Pormenorizadamente, há uma referência a “um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora)” (BAUMAN, 2005, p. 83).

Ao passo que, em um contexto empresarial, como a IBM do Brasil, onde há limitações definidas entre o papel do funcionário do sexo masculino que apresenta sua esposa em esporádicas reuniões realizadas com os familiares dos supervisores, dos gerentes ou dos diretores, e o papel da funcionária do sexo feminino que é convidada a participar de certos eventos festivos ao lado de seu marido e de seus filhos, exibindo concomitantemente um bom desempenho como dona de casa e o sucesso na carreira de executiva; nos cinemas pornográficos, ser “mulher” não significa ser heterossexual.

Sob este aspecto, as “mulheres de tromba”, as “travas”, as “travecas” ou, ainda, as “bonecas”, afora outras categorias nativas vigentes no Cine-Regência e no Cine-Astor, sintetizam a falta de relação direta entre sexualidade e identidade de gênero, examinada por Berenice Bento (2004).

Ora, há, aparentemente, mais incompatibilidades entre os ambientes do exercício da hegemonia das travestis, nos bairros cariocas de Cascadura e Madureira e o espaço empresarial da IBM. O afastamento da luminosidade social, dos holofotes do que é convencionalmente classificado como “padronizado”, proporciona a metamorfose da

penumbra em uma área ilimitada de ações que se contrapõem a uma norma social mais ampla. Clientes e “travas” encontram, na obscuridade, um lugar onde, em muitos casos, nem mesmo a consciência moral os condena porque há toda uma permissibilidade para o que seria repudiado na abrangência da vida urbana.

É inquestionável a existência de uma nova hierarquia sexual, do amálgama entre sexo e trabalho, de uma nova conotação para as disputas no ambiente de trabalho, entre uma infinidade de peculiares características de um universo de eventuais profissionais qualificadas para o exercício de variadas funções, em uma companhia como a norte-americana IBM. No entanto, por este mesmo motivo, os membros deste universo refutam a mais vaga ideia do abandono de tais características em nome da inserção no mercado de trabalho formal.

Ao encararmos o interior dos cinemas pornográficos como uma “pista”, enquanto um espaço para a “pegação”, distante das formalidades de uma vida social androcentricamente estruturada, podemos perceber que:

o mercado sexual é praticamente o único contexto em que podem desenvolver autoconfiança e auto-estima. Na sociedade brasileira, qualquer um pode colher recompensas e receber incentivos em diversos contextos sociais e de diferentes modos, pelo fato de ser mulher ou homem, ao passo que as travestis não têm alternativa a não ser ‘a pista’. Somente ali elas podem transcender o insulto e a violência que experimentam diariamente em qualquer outro lugar. Sem ‘a pista’, tudo o que resta às travestis é o escárnio e a derrisão. Sem a ‘pista’, as travestis têm pouca chance de se verem como algo mais do que um ‘palhaço’. Sem a ‘pista’, o desejo do povo de ‘destruir’ as travestis talvez pudesse enfim sobrepujá-las e lograr seu intento” (KULICK, 2008, p. 202).

## Referências bibliográficas

- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 39-212.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. Da transexualidade oficial às transexualidades. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.143-172.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.
- DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006.
- MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Booklink, 2005.
- PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. 437f. Tese (Doutorado em Medicina Social)–Instituto de Medicina Social (IMS)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROUCO, Juan José Meré. Sexualidade e mudanças de comportamentos: uma estratégia lúdica de prevenção da Aids. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 175-199.
- SILVA, Hélio R.S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema*: cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume, 2000.

